

'Vaga' de investimentos

Mercado brasileiro de petróleo e gás natural e energia elétrica oferecem múltiplas oportunidades para os investidores.

Estimulado pelo crescimento do PIB de mais de 3% por ano desde 2004, o Brasil vem construindo com frenesi novas infraestruturas, tendo em vista o desenvolvimento das suas vastas reservas de recursos naturais. Em particular, destaca-se o chamado *cluster* do pré-sal, situado no oceano Atlântico, que faz parte de uma região que se estende por cerca de 800 km ao longo do litoral brasileiro, e vai desde o estado do Espírito Santo até Santa Catarina chegando a ter em alguns pontos 200 km de largura.

Para atingir as jazidas de petróleo e gás aí encontradas, entre 3.000 m e 7.000 m de profundidade, é preciso perfurar até 2.000 m de sal, sob uma lâmina d'água entre 1.000 m e 3.000 m de profundidade. A área inteira ocupa cerca de 112.000 m², dos quais 41.000 m² ainda não foram licitados. Trata-se da "descoberta de petróleo mais significativa dos últimos 20 anos", segundo os consultores da Wood Mackenzie.

O 'maestro' escolhido para reger esta 'orquestra' será a estatal Petrobras, juntamente com uma nova empresa a ser criada, a Petro-sal, que será muito semelhante à norueguesa Petoro. A maneira como se irá lidar com estas duas empresas será a chave para o sucesso tanto das empresas já presentes no mercado do petróleo e gás brasileiro, como para os novos *players*.

A Petrobras irá investir 174 bilhões de dólares até 2013 e 23 projetos de desenvolvimento e produção estão previstos para estar operando nessa data. Até 2020 serão investidos 111 bilhões de dólares somente nos reservatórios do pré-sal.

A companhia brasileira está prestes a iniciar o programa de compra de 550 geradores, 550 guindastes, 350 turbinas, 700 mil toneladas de aço estrutural para cascos de plataformas, 550 árvores de natal molhadas, 500 cabeças de poço, 80 mil bombas, 18 mil tanques de armazenamento e 4.000 km de linhas flexíveis.

Outros 55 mil itens estão ainda em uma "lista de compras preliminar", da qual os *drilling packages* e *FPSO packages*, equipamento subaquático e compressores merecem destaque. A frota de petroleiros da estatal irá também ser renovada com 26 navios já contratados e outros 23 que ainda serão licitados.

Heller Redo Barroso é advogado e consultor especializado nas indústrias de petróleo e gás, energia, navegação e apoio *offshore*.





Foto FPSO Cidade de São Vicente: Banco de Imagens Petrobras

Todas estas licitações terão requisitos mínimos de conteúdo local que poderão atingir os 95% em 2017, o que significa que as empresas interessadas devem imediatamente começar a se mexer, procurando parcerias locais, áreas para estabelecer novas instalações, bases operacionais, providenciar a inscrição como fornecedor da Petrobras (CRCC), etc.

Em termos financeiros, para atingir estes objetivos audaciosos a Petrobras contará com uma grande capitalização por parte dos seus acionistas, especialmente do acionista que detém o controle da empresa, que é o governo brasileiro. O financiamento mais barato e abundante não só do BNDES mas também de outros bancos estatais será também fundamental.

A fim de reduzir o preço dos equipamentos e ao mesmo tempo permitir o aumento gradual dos requisitos de conteúdo local em seus projetos, a Petrobras está transformando grandes contratos de EPC, Serviços e Fornecimento em pacotes menores, dando ênfase a um maior grau de detalhe e à estandarização de encomendas, começando desde logo com um ambicioso programa de oito FPSOs a serem construídos localmente, em uma doca seca alugada pela própria Petrobras numa cidade chamada Rio Grande, no sul do Brasil. No mesmo sentido, uma revisão dos contratos-tipo está também sendo planejada, visando reduzir o risco para o fornecedor. A meta é produzir 3,3 milhões de barris de petróleo por dia em 2013 e 4 milhões de barris em 2020.

Mas não é apenas a Petrobras que está investindo pesado. As empresas privadas também estão fazendo investimentos gigantescos: somando os investimentos da Devon, Shell, Chevron e StatoilHydro – até 2013, chegaremos à cifra de 25 bilhões de dólares.

A todo gás

Para além de tudo isto, uma nova lei abriu as concessões de gasodutos, sendo que entre os projetos já autorizados para licitação está o Gasoduto Meio Norte, orçado em 1,6 bilhão de dólares. No *downstream* (refino), a Petrobras também está conduzindo um plano ambicioso de adaptação das refinarias que já existem e de construção de outras novas.

Por seu turno, no setor do gás natural serão gastos 3 bilhões de dólares no desenvolvimento de infraestruturas de GNL. O objetivo é construir uma planta de liquefação para entrar em operação em 2013, com uma capacidade para liquefazer 10 milhões de m³ por dia. A Petrobras também pretende construir um terminal para receber navios-tanque para ser capaz de exportar GNL. Atualmente existem dois terminais de GNL (Pecém e Guanabara), sendo que um terceiro com capacidade para 14 milhões de m³/dia provavelmente será construído em Rio Grande no curto prazo, e um quarto está sendo estudado. Em estudo está também a ampliação do terminal de GNL da Baía de Guanabara, cuja capacidade passaria de 14 milhões de m³/dia para 20 milhões. Com todos estes projetos a Petrobras

prevê uma capacidade de 166 milhões de m³/dia de gás natural em 2017.

A demanda sazonal de gás natural é uma característica do sistema de energia elétrica no Brasil, baseado em usinas hidrelétricas e salvaguardado pela energia gerada por usinas termelétricas alimentadas predominantemente por gás natural. Considerando não só as usinas que estão sendo construídas, mas também novas licitações de termelétricas – que é um nicho que vale a pena ser explorado por investidores estrangeiros – e tendo em conta as taxas de crescimento do PIB esperadas para os próximos cinco anos, o Brasil precisa de uma usina adicional por ano, com capacidade de 3 a 4 GW.

A Petrobras é o sexto maior gerador de energia elétrica do país, com 5.461 MW de capacidade instalada, e vai investir 2,4 bilhões de dólares no setor até 2013. A estimativa é que a capacidade instalada aumente de 99.747 MW para 154.797 MW até 2017, o que representa um aumento de 55% na capacidade de geração atual. Além destes investimentos da Petrobras, 80 bilhões de dólares serão investidos no setor elétrico até 2017 – 63 bilhões em geração e 39.1 bilhões em transmissão.

A energia eólica é também um setor promissor no mercado brasileiro. Ainda este ano será realizada a primeira licitação focada exclusivamente em projetos de energia eólica, tendo sido já registrados para licitação na Aneel projetos que totalizam uma capacidade de geração de 1,2 GW.

Novos portos e estaleiros também já estão em construção. É provável que todos os principais estaleiros do mundo venham a ter uma presença significativa no Brasil (em parceria com os principais empreiteiros locais) nos próximos dois anos.

Não esqueçamos ainda que a ANP não realiza nenhuma licitação para novas áreas *offshore* de exploração de petróleo e gás natural desde 2007. A indústria está pressionando o governo para licitar rapidamente as áreas fora da região do pré-sal, pois não pode haver uma paralisação tão longa. O governo congelou todas as licitações até que o novo marco regulatório para o pré-sal seja aprovado. Este, por sua

vez, estabelece por um lado a adoção de acordos de partilha de produção para as novas áreas e por outro a manutenção do regime de concessão para as áreas já licitadas. O modelo é muito parecido com o modelo russo, com a diferença de que os acordos de partilha de produção serão obrigatórios para as novas áreas, não havendo qualquer margem de discricionariedade neste aspecto. Esperam-se assim novas licitações para áreas promissoras que se situem fora do pré-sal.

No que concerne às licitações das áreas do pré-sal, a realidade é diferente. O Governo Federal acabou de enviar para o Congresso, sob a forma de quatro projetos de lei, a sua proposta de novo marco regulatório para a exploração e produção de petróleo e gás natural nestas áreas.

O Governo já veio também esclarecer que os respectivos requisitos de conteúdo local se situarão entre os 85% e 95%, o que significa que quem quiser uma fatia do bolo do pré-sal terá que estabelecer uma presença local significativa – especialmente os fornecedores de equipamentos (*topsides*, tubulações, *risers*, umbilicais, pacotes de perfuração, pacotes de energia para unidades *offshore*, etc.). Provavelmente terão também que ser construídas novas unidades de produção no Brasil.

Os recém-chegados ao mercado brasileiro de petróleo e gás em geral desanimam com o que parece ser um sistema excessivamente complexo, fortemente regulamentado e muito burocrático. Entre as preocupações das empresas costumam estar não só a corrupção, mas também a tomada de precauções para protegerem os seus ativos contra uma eventual onda de nacionalizações. Estas são preocupações de alguma maneira exageradas no Brasil de hoje, mas compreensíveis se olharmos para o país de não muitos anos atrás e para os nossos vizinhos da América Latina.

O fato é que: 1) o Brasil tem uma economia em claro crescimento e que foi muito pouco afetada pela crise financeira internacional; 2) o Brasil é um país *investment grade*; 3) o Brasil floresce entre os Brics; e 4) o Brasil está bem posicionado para se tornar o próximo grande porto seguro para o *smart money* mundial. ■

Edições anteriores?

CLIQUE!



www.tnppetroleo.com.br